

RELAÇÕES DIALÓGICAS E A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS NO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

DIALOGICAL RELATIONS AND CONSTRUCTION OF DIRECTIONS IN GENDER OPINION ARTICLE

Eliane Santos¹

Universidade Federal do Maranhão

Márcia de Almeida²

Universidade Federal do Maranhão

Resumo: A presente pesquisa objetiva analisar de que forma as relações dialógicas se materializam e constroem sentidos no gênero artigo de opinião. A partir disso, questionamos como as relações dialógicas contribuem para a construção dos sentidos e argumentação no gênero artigo de opinião? O *corpus* é constituído por um artigo de opinião, retirado do jornal GGN. O artigo tem como título: “Para Bolsonaro, o nacionalismo está acima de Deus”, de autoria de Albertino Ribeiro. Como objetivos específicos, temos: a) Investigar como as marcas de dialogismo se revelam no gênero artigo de opinião para construção dos sentidos; b) Verificar como as relações dialógicas contribuem para a argumentação no gênero artigo de opinião. Para fundamentar a pesquisa, recorremos aos estudos de Authier-Revuz (2004), Bakhtin (2016[1979]; 1997[1929]), Brait (2008), Köche e Marinello (2015), Medviéd (2016), (2001), Ramonet (2013), Rodrigues (2001), Sader (1995), Santos (2018), entre outros. Como resultados alcançados, destacamos a inserção de diferentes vozes retomadas pelo articulista em movimentos de aproximação ou distanciamento, para fundamentar e defender seu ponto de vista, alinhado ao posicionamento político-ideológico do espaço jornalístico, no qual o artigo de opinião foi publicado. Percebemos que o autor deixa na materialista linguística pistas de como a voz do outro deve ser percebida na construção dos sentidos do texto e que essas pistas direcionam o leitor em busca de discursos outros sem os quais não é possível a atualização de sentidos do texto atual.

Palavras-chave: gênero discursivo; relações dialógicas; artigo de opinião.

Abstract: This research aims to analyze how dialogic relations materialize and construct meanings in the opinion article genre. From this, we question how dialogical relations contribute to the construction of the senses and argumentation in the opinion article genre? The corpus consists of an opinion article taken from the GGN newspaper. The article is entitled: “For Bolsonaro, nationalism is above God”, by Albertino Ribeiro. As specific objectives, we have: a) To investigate how brands of dialogism reveal themselves in the genre opinion article for the construction of the senses; b) To verify how dialogic relations contribute to the argumentation in the opinion article genre. To support the research, we use the studies of Authier-Revuz (2004), Bakhtin (2016 [1979]; 1997 [1929]), Brait (2008), Köche and Marinello (2015), Medviéd (2016), (2001), Ramonet (2013), Rodrigues (2001), Sader (1995), Santos (2018), among others. As results achieved, we highlight the insertion of different voices taken

¹ Universidade Federal do Maranhão. Email: eliani-phb@hotmail.com.

² Universidade Federal do Maranhão. Email: eliani-phb@hotmail.com.

up by the writer in approaching or distancing movements, to substantiate and defend his point of view, in line with the political-ideological positioning of the journalistic space, in which the opinion article was published. We realize that the author leaves in the linguistic materialist clues of how the voice of the other should be perceived in the construction of text meanings and that these clues direct the reader in search of other discourses without which it is not possible to update the meanings of the current text.

Keywords: discursive genre; dialogical relations; opinion article.

Submetido em 31 de dezembro de 2019.

Aprovado em 28 de janeiro de 2020.

Introdução

O falante se constitui como sujeito social a partir das relações que são estabelecidas para com o outro. Relações essas, de dependência, pois ele enuncia em função de outro, ao passo que também precisa desse, para elaborar seu discurso, suas valorizações, sua resposta diante do já-dito pelo outro. Bakhtin (2016 [1979]) diz que a linguagem é dialógica por natureza, tudo o que o homem fala mantém relações de sentidos com enunciados já proferidos por outros falantes.

Para retomar discursos alheios, o falante usa a língua em sua dimensão social, e não como sistema abstrato, fechado em si mesmo. Para tanto, ele realiza seus enunciados utilizando-se de determinados gêneros, os quais segundo Bakhtin (2016[1979]) são os responsáveis por organizar tudo o que o falante pretende dizer. Assim, todo o processo de comunicação do sujeito é realizado por meio de gêneros, os quais são utilizados de acordo com as necessidades dos falantes, dentro de certos contextos e situações comunicativas.

No caso do gênero artigo de opinião – objeto de estudo dessa pesquisa –, corresponde a um gênero que elabora e expõe pontos de vista sobre fatos que estão acontecendo, geralmente, na atualidade. Para a construção do ponto de vista, o articulista, como definido por Rodrigues (2001), se norteia a partir do já-dito pelo outro, ou seja, a partir de discursos já proferidos, atribuindo a eles, um posicionamento, uma atitude de resposta. Nossa pesquisa foi dividida em três seções.

Na seção denominada relações dialógicas: a presença do outro no discurso atual, tratará sobre o que são as relações dialógicas. Serão apresentados também os tipos de relações dialógicas de aproximação e distanciamento, discurso citado, a

heterogeneidade mostrada marcada e não marcada, e heterogeneidade constitutiva e algumas discussões sobre ideologia na perspectiva bakhtiniana.

Na seção: O discurso da esfera jornalística, discutiremos sobre algumas características do discurso midiático na esfera jornalística e teceremos também discussões sobre o gênero artigo de opinião na esfera jornalística. A última seção será destinada á análise dos dados, constituído por artigo de opinião retirado do jornal GGN.

1. Relações dialógicas: a presença do outro no discurso atual

Bakhtin (2016[1979]) defende a natureza intersubjetiva da linguagem a partir da ideia de que ao enunciar o falante sempre leva em consideração a resposta do interlocutor, ou seja, a réplica antecipada. Sendo assim, no discurso sempre temos no mínimo duas vozes, a do falante e a do ouvinte. Essa percepção justifica a natureza dialógica do enunciado, mas além desse dialogismo constitutivo, temos outras formas de dialogismo que se mostram mais ou menos linguisticamente no tecido discursivo. Esses fios de muitas vozes que constituem o tecido, chamado discurso, materializam-se em relações dialógicas, que na fala de Bakhtin (2016[1979]), são relações de sentidos:

As relações dialógicas são relações (de sentidos) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados no plano do sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica [...] (BAKHTIN, 2016[1979], p. 92).

As relações dialógicas são as relações de sentidos, as quais são estabelecidas entre os enunciados, que são produzidos pelos falantes no processo comunicativo. Todavia, quando os enunciados são analisados apenas sob uma perspectiva restrita à linguística, ou seja, como objeto dela, não há a presença das relações dialógicas, pois, somente em ligação com o contexto extraverbal é possível extrapolar o linguístico, e perceber a entonação valorativa que recai sobre cada enunciado dito em condições reais de uso. Bakhtin (1997[1929], p. 182) diz que: “Na linguagem, enquanto objeto da linguística, não há e nem pode haver quaisquer relações dialógicas: estas são impossíveis entre os elementos no sistema da língua [...]”. Mas também é interessante observar que ao mesmo tempo o autor defende que as relações dialógicas só são

possíveis dadas às pistas oferecidas pelo material linguístico, que nunca deve ser visto como um fim em si mesmo, mas como meio para construção dos sentidos.

As relações dialógicas estão presentes em qualquer discurso, sendo uma característica inerente à linguagem, não há comunicação a partir de um discurso monológico, sem a presença do outro. Bakhtin (1997[1929], p. 183) afirma que: “[...] Toda a vida da linguagem, seja qual for seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas [...]” (BAKHTIN, 1997[1929], p. 183). São as relações dialógicas que proporcionam esse caráter de vida à linguagem, ao tornar possível essa capacidade de retomada a outros discursos no processo comunicativo, estabelecendo assim, relações de sentidos entre eles. Isto é, relações entre discursos que são proferidos hoje, no presente, com outros já proferidos em um determinado momento histórico, no passado, e que darão margens para o surgimento de discursos outros no futuro. Em relação a isso, Bakhtin (2016[1979, p.60-61]) defende que o falante sempre faz uso de uma palavra já dita antes por outro(s): “[...] O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes [...]”.

Sendo assim, as relações dialógicas proporcionam dinamicidade, retomada de ideias, de concepções, presentes nos discursos. Pois, o sujeito se constitui a partir de uma relação social e histórica, para com outros, para com as ideias do outro, em que o falante assume uma atitude de resposta ao já-dito, estabelecendo uma relação de alteridade, ou seja, de alternância enunciativa. No momento em que o sujeito produz seu enunciado ele se coloca no lugar do outro, pressupondo determinadas respostas que orientam seu enunciado do começo ao fim. O interlocutor exerce grande papel nas escolhas linguístico-estilísticas do falante. O outro sempre faz parte do processo de construção discursiva. Bakhtin (2016[1979]) diz que a palavra é uma espécie de ponte lançada entre falante e interlocutor, entre o eu e os outros.

Não há a ideia de conclusibilidade, de acabamento do discurso, como algo que é posto um ponto final, ele sempre sugere uma atitude responsiva, ou seja, uma resposta por parte de quem ouve. Para Bakhtin (2016[1979]), o sujeito sempre está a responder o outro, seja por meio da fala ou de forma silenciosa. Assim, na teoria dialógica terminar o enunciado é passar a fala ao outro.

Em relação ao enunciado e seu caráter de conclusibilidade, Bakhtin (2016[1979], p. 29-30) explicita que: “[...] Cada réplica, por mais breve e fragmentada que seja, tem uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva [...]” O falante silencia, finaliza a sua fala, para que outro sujeito, neste caso, seu interlocutor, possa assumir um posicionamento responsivo, dando continuidade ao enunciado, por meio de uma atitude responsiva. Visto que, todo enunciado pressupõe uma resposta, desse modo, nenhum enunciado é totalmente finalizado quando o falante silencia. Para Bakhtin (2016, p. 25): “[...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte torna falante [...]”.

Todo enunciado sugere uma resposta, sugere uma compreensão, uma atitude responsiva em relação a ele. Ao passo que o sujeito ouvinte, ao ter contato com tal enunciado, o responde, seja de forma silenciosa ou não. Diante disso, o sujeito deixa de ser apenas ouvinte, e torna-se um falante, ele torna-se um sujeito ativo, o qual assume uma posição valorativa. É interessante observar que todo ouvinte também é um falante, ao ouvirmos o discurso do outro nos tornamos autor, porque diante dele não conseguimos ser indiferente. A compreensão responsiva nos leva sempre a assumir a posição de autor, mesmo que de um discurso interior.

A consciência do sujeito é formada de ideologia, uma vez que todos eles são seres ideológicos. Bakhtin/Volochínov (2014, p.34) dizem que: “[...] A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social”. A consciência é repleta da presença de ideologia, sejam essas de viés político, religioso, etc. e é partir da presença dessas ideologias, desses signos, que o sujeito vai construindo sua consciência, suas valorações sobre determinados assuntos, construindo assim, suas ideologias, que como veem e caracterizam o mundo. E isso só é possível porque o sujeito participa de um processo de interação social, ou seja, ele vive em um universo impregnado, repleto de ideologias, de luta de vozes, de concordâncias, discordâncias, divergências.

Bakhtin/Volochínov (2014, p. 156) definem duas orientações, em relação ao uso do discurso do outro, as quais correspondem ao estilo linear e estilo pictórico. A primeira orientação consiste no discurso citado ou discurso linear, no qual “[...] As fronteiras que separam o discurso citado do resto da enunciação são nítidas e

invioláveis” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 156). Ou seja, o enunciado do outro é preservado, e quando utilizado, pode ser facilmente perceptível. Assim, Bakhtin/Volochínov (2014, p.156) citam que: “A tendência principal do estilo linear é criar contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado [...]”.

O discurso do outro ao ser adicionado ao discurso atual, é apresentado de forma destacada, pois o enunciador utiliza contornos, como ressaltado por Bakhtin (2014), os quais possibilitam a percepção de que no discurso, há outro discurso presente. Em se tratando sobre o discurso citado, Silva; Barbosa (2016, p. 09) ressaltam que: “[...] a razão de ser da presença do outro no simulacro do enunciado citante será sempre para um relacionamento de sentidos (negação, aceitação, complementação, etc.) sobre um determinado tema [...]”.

Além do estilo linear, há uma segunda orientação, a qual se opõe ao discurso que marca linguisticamente o discurso citado, sobre essa orientação – discurso pictórico, Bakhtin/Volochínov (2014, p. 156-157) diz que: O contexto narrativo esforça-se por desfazer a estrutura compacta e fechada do discurso citado, por absorvê-lo e apagar as suas fronteiras “[...] Sua tendência é atenuar os contornos exteriores nítidos da palavra de outrem [...]”. Diante disso, compreende-se que no estilo pictórico, o discurso do outro não é tão perceptível, como no caso do estilo linear. Enquanto no linear, busca-se estabelecer fronteiras entre os discursos por meio de contornos, no pictórico, essas fronteiras são atingidas, pois elas são desfeitas totalmente ou parcialmente, não há a presença dessa demarcação entre o discurso do enunciador e o discurso do outro, utilizado por ele. O discurso do outro é utilizado pelo enunciador de modo que, suas valorações, suas intenções, são inseridas nele. Assim, o objetivo desse estilo, é amenizar as formas de marcação do discurso do outro, as fronteiras entre o discurso do enunciador e o discurso que está sendo utilizado, o qual já foi proferido.

Rodrigues (2001) ao discutir a constituição dialógica do gênero artigo de opinião, em jornais impressos, nomeia dois tipos de relações dialógicas constitutivas do caráter polêmico do gênero artigo de opinião: movimentos dialógicos de assimilação e movimentos dialógicos de distanciamento, que são vistos pela autora como meios que possibilitam identificar quando o discurso do outro está sendo utilizado a partir de um diálogo que se a linha ao posicionamento valorativo do articulista.

O enunciador, ao se expressar sobre algo, assume uma posição valorativa, a qual é possível por meio da incorporação de outros discursos. Assim, o movimento dialógico de assimilação, é perceptível por meio do uso de verbos, verbos dicendi, por exemplo, falou, disse, alertou, etc., os quais podem indicar que o discurso do outro está sendo utilizado numa relação dialógica de consonância ou não, e por meio de grupos proposicionais, as quais são utilizadas apenas com valor de preposição, como por exemplo, para, com, de, em, etc.

O uso desses elementos, como definido por Rodrigues (2001) indicam que outro discurso, sem ser o do enunciador, está sendo inserido. Assim, como também há as expressões e palavras avaliativas que são atribuídas ao discurso do outro, expressando uma posição de valor, correspondendo a um valor positivo sobre o enunciado alheio, demonstrando assim, o caráter de responsividade do sujeito, em relação ao discurso do outro, ao incorporá-lo ao seu.

O movimento dialógico de assimilação e movimento dialógico de distanciamento, segundo Rodrigues (2001, p. 164) consiste na incorporação do discurso alheio:

[...] incorporação de outras vozes ao discurso do autor, avaliadas positivamente, que são "chamadas" para a construção do seu ponto de vista, que se denominou como *movimento dialógico de assimilação* (ou acentuação, confluência); e o apagamento, distanciamento, isolamento, desqualificação das vozes às quais o autor se opõe, que se denominou como *movimento dialógico de distanciamento* (ou desqualificação, reacentuação) (RODRIGUES, 2001, p. 164).

Rodrigues (2001, p. 176), ao tratar sobre o movimento dialógico de distanciamento, apresenta as estratégias que são utilizadas, as quais correspondem a um número maior do que o movimento dialógico de assimilação. Assim, a autora ressalta que, no movimento dialógico de distanciamento há “[...] o uso de palavras e expressões avaliativas, a negação, as aspas, os operadores argumentativos, o chamamento do discurso de um outro, a ironia, os pronomes demonstrativos.

Rodrigues (2001, p. 189) ao discutir sobre o discurso relatado, dar ênfase a dois tipos: discurso relatado direto e discurso relatado indireto, mostrando a distinção entre ambos. Segundo ela, o discurso relatado direto, demarca a fala do outro, a posição valorativa do outro. Essa demarcação diante da presença da fala do outro pode ocorrer

por meio do uso das aspas, demonstrando assim, as fronteiras entre o discurso citante e o discurso citado.

[...] As aspas que "emolduram" o discurso relatado direto não são lacres que garantem a integridade do discurso citado. São sinais de alteridade entre o discurso do autor e do outro incorporado que, junto com a explicitação desse outro, funcionam como marcadores de confiabilidade criam o efeito de integridade da transmissão da fala (RODRIGUES, 2001, p. 189).

No entanto, como expressado por Rodrigues (2001), as aspas não garantem que ao discurso utilizado, será preservado o mesmo sentido, o mesmo valor, visto que a ele, como já discutido até aqui, podem ser atribuídas novas valorações, de negação, refutação, assim como também, pode ser atribuídas valorações positivas. Sobre o discurso indireto a autora diz que é uma análise, um comentário sobre o discurso citado.

Outra autora que tem dado grande contribuição no estudo do discurso relatado é Authier-Revuz (2004), ela nomeia a inserção do discurso alheio no discurso atual em: heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. O que a autora chama de heterogeneidade constitutiva se alinha à ideia de natureza dialógica da linguagem ou à dialogismo constitutivo – em Bakhtin –. Quanto à heterogeneidade mostrada, é possível perceber as fronteiras entre os discursos, isto é, a alteridade, destacando a presença de outros discursos, no discurso atual que está sendo utilizadas por meio de aspas, de glosas, ironias. A autora divide a heterogeneidade mostrada em dois tipos: marcada e não marcada.

Na heterogeneidade mostrada marcada, são perceptíveis as fronteiras de forma nítida entre os enunciados, há as fronteiras linguísticas que separam os discursos. O discurso alheio pode vir marcado por meio das aspas, itálico (AUHTIER-REVUZ, 2004). Já na heterogeneidade mostrada não marcada, as fronteiras entre os enunciados são mostradas por meio da memória discursiva do sujeito, a partir dos conhecimentos prévios que ele possui, tornando possível que ele perceba que o discurso alheio está presente. Sendo assim, não há fronteiras linguísticas que separam os discursos. Assim, a heterogeneidade mostrada não marcada, pode estar presente, por exemplo, quando é utilizada a ironia, a glosa.

O uso da ironia, não é possível identificar de forma clara, a presença do outro, visto que não há só a voz do outro, mas também a voz do locutor, o qual atribui novas valorações acerca de tal discurso. A ironia consiste em um elemento indispensável

quando se utiliza o discurso do outro, sem que sejam estabelecidas fronteiras entre os discursos citado e o discurso que está citando-o. Assim, é perceptível a presença de um discurso bivocal. Bakhtin (1997[1929], p. 195) diz que: “As palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais [...]”.

O discurso bivocal ocorre quando o discurso do outro é utilizado no discurso do locutor, e a ele são atribuídas novas valorações. Santos (2018) diz que sobre a palavra do outro é adicionada outra valoração, outra compreensão, outro posicionamento, uma nova entonação. Assim, o discurso alheio é revestido de valorações do outro que está utilizando-o. Sob o discurso citado, há o encontro de duas vozes, a voz do discurso que foi citado e voz do discurso que está citando-o.

Como destaca Authier-Revuz (2004), em toda parte o outro sempre está presente, mesmo que não esteja de forma marcada, mas ele está presente, por meio das retomadas que são realizadas aos seus discursos, os quais são reutilizados por outros.

Na heterogeneidade constitutiva, o discurso do outro está presente, todavia, por meio de interdiscursos, estando assim, entrelaçado por diversos outros discursos. Não sendo possível identifica-los como pertencentes a alguém, pois são vários discursos que compõem e formam outro. Como dito por Bakhtin/Volochínov (2014) a cada época da história correspondem determinados estilos de inserção do discurso outro, e ainda com base na teoria dialógica, ou melhor, a partir de Bakhtin (2015[1934-1936]) que sugere a estilística do gênero, argumentando a favor de que o gênero discursivo orienta muitas de nossas escolhas linguísticas estilísticas. Desse modo, entendemos que o gênero discursivo também orienta um emprego de um estilo mais linear ou pictórico.

Como ressalta Bakhtin (2016[1979]), os gêneros são responsáveis por organizar aquilo que o sujeito diz. De acordo com Bakhtin (2016[1979] p. 38) “Falamos apenas através de gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do conjunto*”. Os gêneros circulam em esferas da comunicação ou esferas ideológicas, que embora não sejam intransponíveis, haja vista que um mesmo gênero pode circular em diferentes gêneros, também possuem certo caráter normatizador, definindo muito do que pode ser dito ou não.

2. O discurso da esfera jornalística

Diante dos avanços das novas tecnologias de informação, é imprescindível não pensar no poder que a mídia exerce sobre a vida e conseqüentemente, a construção crítica do homem. As influências que as mídias, os diversos meios de comunicação exercem sobre o homem é tamanha, que Ramonet (2013, p, 65) define um quarto poder, a opinião pública, a qual surge por meios da mídia digital, visto que há outros três poderes: Poder Legislativo, Poder Executivo e o Poder Judicial. O autor diz que: “Quando na metade do século XIX, aparece a imprensa de massa, surge um novo ator: a opinião pública, tal como a chamamos hoje. A imprensa faz, constrói, cria opinião pública [...]”.

A imprensa marca o surgimento desse quarto poder, e passa a influenciar na construção crítica do homem, em suas ideologias. Com isso, os meios de comunicação dizem muito sobre a opinião do homem, visto que é a partir desses meios que ele constrói seus posicionamentos valorativos sobre os fatos sociais, que muitas vezes são criados pela própria mídia. É a partir das ideias que circulam nesses meios, das ideologias que eles compartilham, construindo suas opiniões, suas valorações.

Assim, Ramonet (2013, p. 98) diz que esse quarto poder, que corresponde a opinião pública deveria corrigir os outros poderes. Todavia, ele cita que esse poder concentra-se em “[...] mãos de grupos midiáticos privados, articulados com o poder dominante, que é o poder econômico e financeiro.” Sendo assim, a mídia transmite aquilo que ela acha pertinente em relação ao poder dominante, fazendo com que o público acredite naquilo que ela repassa, nas ideologias pregadas e defendidas por tal meio. Afetando assim, a construção da opinião crítica do homem.

Destarte, a mídia exerce um poder muito forte sobre a opinião pública, sobre o que o homem acredita, como ressaltado por Ramonet (2013), a mídia busca, de todas as formas, domesticar os cidadãos, de modo que eles não critiquem o poder dominante, ou seja, quem eles defendem. Algo semelhante a isso ocorre em relação aos posicionamentos pertencentes a algumas esferas jornalísticas, quando se analisa a questão política, em que muitos jornais defendem uma visão de esquerda, enquanto outros são de direita.

Em relação a essa distinção entre esquerda e direita, Sader (1995, p. 183) diz que, quando se refere ao Brasil, “[...] a direita sempre esteve associada às elites no poder

[...]”, ou seja, quem faz parte da direita são os grupos privilegiados da elite, que detém o poder financeiro. Já em relação à esquerda, Sader (1995, p. 195) ressalta que: “Ser de esquerda no mundo de hoje significa participar de reinvenção concreta de uma nova sociedade, baseada na justiça social e na solidariedade, na realização prática dos direitos de cidadania sem qualquer tipo de exclusão”.

Entre gêneros discursivos presentes nas mídias, os quais estão imersos na vida do homem, uma vez que são utilizados por ele, e influenciam em sua construção crítica, tem-se o gênero artigo de opinião. Rodrigues (2001, p. 129) ao discorrer sobre o gênero artigo de opinião, ressalta sobre a durabilidade, ao se tempo de circulação, “Quanto a sua temporalidade, o artigo é um gênero de publicação diária; seu aparecimento e sua temporalidade se limitam ao período das vinte e quatro horas de circulação do jornal [...]”, em virtude disso, eles são publicados diariamente. Além de possuir uma função informativa, o artigo de opinião, como o próprio nome sugere, tem a função de opinar, correspondendo assim, a um espaço de construção de posicionamentos, um espaço destinado para expressar ideologias.

Segundo Köche e Marinello (2015, p. 103-104), o artigo de opinião é composto por diversos tipos de argumentos, os quais têm como objetivo defender um posicionamento. Eles podem ser de autoridade, consenso, provas concretas e competência linguística. De acordo com as autoras, o argumento de autoridade faz “[...] uso de citações de autores renomados ou de autoridades no assunto, a fim de comprovar uma ideia, uma tese ou um ponto de vista [...]”. Esse argumento é utilizado em meio ao artigo, de modo que venha a somar diante de tal posicionamento feito pelo autor. Já o argumento de consenso, consiste em uma ideia a qual é defendida e aceita de forma universal como um fato, isto é, há um consenso sobre determinada temática. As autoras ressaltam ainda que, no artigo de opinião: “[...] evidenciam-se a dialogicidade e a alteridade do processo de produção: o autor coloca-se no lugar do outro e justifica suas afirmações, a partir de possíveis questões ou conclusões contrárias, suscitadas pelo leitor”.

3. Relações dialógicas de aproximação e distanciamento na construção dos sentidos

Assim, tendo em vista o *corpus* da pesquisa, que é o artigo de opinião, analisaremos relações dialógicas constitutivas desse gênero caracterizado por sua capacidade de ser opinativo, de manifestar uma posição valorativa em relação a determinados assuntos que estão presentes no dia a dia do homem, da sociedade, e conseqüentemente, nas discussões realizadas por ele. O autor, ao elaborar um artigo de opinião, parte das ideias já existentes, as quais estão presentes nos discursos que circulam no meio social, e a partir disso, revela um ponto de vista, defendendo-o por meio de discursos outros que contribuem para convencer o outro. Assim, esse gênero possui um caráter social e histórico, em que é levado em consideração na construção de seus sentidos, não só o aspecto verbal, mas também o extraverbal.

Em consonância com a teoria dialógica, adotamos o posicionamento de que não havendo neutralidade ideológica na linguagem, a pesquisa científica também não é neutra, imparcial. Para Bakhtin (2016 [1979]) até mesmo a escolha do objeto de pesquisa já indica sobre ele uma valoração apreciativa do pesquisador.

O artigo em questão volta-se para uma temática política e religiosa. Em se tratando de política, envolve mais especificamente, a campanha política de Jair Messias Bolsonaro, na qual ele utiliza como *slogan* de sua campanha, uma frase em que há o nome de Deus “Brasil acima de tudo Deus acima de todos”. O uso de tal expressão com o nome de Deus possibilita entender que o nacionalismo está acima do próprio Deus, o que causa repúdio de muitos. Isso suscitou muitas réplicas, discursos de oposição veiculados na mídia jornalística por meio de gêneros tais como, notícias, comentários *online*, charges, artigos de opinião. Foi nesse contexto que surgiu o artigo a ser analisado na pesquisa.

O jornal do qual foi retirado o artigo, jornal GGN³ (Grupo Gente Nova), consiste em um espaço destinado à construção crítica a partir de assuntos de interesse social. Ele teve sua estreia por volta do ano de 2013. As publicações realizadas em tal meio correspondem a artigos, crônicas, conteúdos colaborativos e análises. Apresenta publicações cotidianamente. Nessa seção, será discutido sobre as formas de inserção do

³ Disponível em: <https://jornalggn.com.br>>institucional. Acesso em: 16 de set. de 2019.

discurso do outro no atual. Destacando as estratégias que são utilizadas para a inserção do discurso do outro no artigo de opinião que será analisado adiante, o qual é intitulado “Para Bolsonaro, o nacionalismo está acima de Deus”.

Figura 1. Artigo de opinião do jornal GGN

GGN POLÍTICA RECADO DO NASSIF ECONOMIA CULTURA MOREIRA SALLES LI

Opinião

Para Bolsonaro, o nacionalismo está acima de Deus, por Albertino Ribeiro

Por Albertino Ribeiro - 14/01/2019

Compartilhar

Para Bolsonaro, o nacionalismo está acima de Deus, por Albertino Ribeiro

“Brasil acima de tudo e Deus acima de Todos”. Esse foi o lema utilizado pelo presidente durante a campanha eleitoral. Aliás, o que não falta no atual governo são frases de efeito com conteúdo religioso. Quem não lembra da frase da ministra Damares no dia da posse: “Somos um estado laico, mas esta ministra aqui é terrivelmente cristã”

Fonte: Disponível em: <https://jornalggm.com.br/opiniaio/para-bolsonaro-o-brasil-esta-acima-de-deus/>. Acesso em: 05 set. 2019.

De início já é possível observar que o artigo irá tratar sobre questões políticas, uma vez que, é evidenciado logo no título, o nome de Bolsonaro e a ideia do nacionalismo. Isso já ativa uma série de relações dialógicas com outros discursos que circulam na mídia jornalística. A voz do articulista é uma atitude responsiva frente a esses discursos já existentes e que são retomados a partir de novas valorações. O articulista recorre a procedimentos de inserção da fala do outro, criando estratégias de argumentação para convencer o leitor, uma vez que este pode ser alinhado ou não ao posicionamento valorativo do articulista frente ao que está sendo tematizado. Logo no título do artigo, o articulista utiliza um marcador linguístico que indica a fala do outro, por meio do uso da preposição “Para”. O uso desse recurso linguístico aponta para a fala do outro. Temos aí a presença de um discurso relatado, que evidencia um distanciamento, uma oposição em relação ao discurso citado.

Ao fazer uso do *slogan* da campanha presidencial de Jair Bolsonaro, citando-o de forma direta, a partir da heterogeneidade mostrada, evidenciada por meio das aspas, o articulista mostra novamente um distanciamento em relação ao discurso polemizado: “Brasil acima de tudo e Deus acima de Todos”. Como destaca Authier-Revuz (2004), as aspas marcam a presença do discurso do outro. O uso das aspas aponta para presença do movimento dialógico de distanciamento, que segundo Rodrigues (2001), busca desprestigiar, desqualificar o ponto de vista defendido presente no discurso citado, neste caso, o *slogan* da campanha presidencial, afastando-se dessa ideia da religiosidade, supostamente, presente no governo de Bolsonaro. A inserção aspeada desse discurso outro no artigo de opinião, não apenas separa o discurso citante do discurso citado, mas principalmente, coloca sobre ele outra entonação, nesse caso, de refutação.

O *slogan*⁴ “foi criado tendo como base o grito da Brigada de Infantaria Paraquedista do Exército, na década de 60, no período da ditadura militar”. Assim, como também, evidencia relação dialógica com o discurso de Hitler, na Alemanha, em que o discurso dele consistia em “*Deutschland über alles*”, que corresponde “Alemanha acima de tudo”.

Também é preciso observar o sentido atribuído às palavras “tudo” e “todos”, ao serem empregadas em tal discurso. Partindo da concepção do sentido em que ambas as palavras são utilizadas, analisa-se que a palavra “tudo” está relacionada ao todo, todos os seres, as coisas, tudo que existe. Ou seja, possui um sentido abrangente, que engloba tudo. Já o “todos”, restringe-se a algo, aos seres (todos nós), sendo assim, possui um sentido mais específico. Com isso, o “todos” enquanto uma parte específica, é o que forma esse “tudo”, é como se o “todos” correspondesse a uma parcela do “tudo”, uma especificidade desse “tudo”.

Diante disso, ao serem utilizadas essas duas palavras no *slogan*, compreende-se que, o Brasil, e conseqüentemente, o atual governo de Bolsonaro, está acima de “tudo”, enquanto completude, que envolve todos os seres, todas as coisas. Em contrapartida, Deus é colocado em uma posição inferior, visto que ele só está acima de uma parte específica desse “tudo”, que neste caso é formada pelo “todos” (todos nós).

O autor utiliza o *slogan* da campanha, de forma direta, destacando que o discurso pertence a outro, por meio do uso das aspas. Como destaca Authier-Revuz

⁴Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/slogan-de-bolsonaro-foi-inspirado-em-brado-de-paraquedistas-militares.shtml>. Acesso em: 25 de set. 2019.

(2004, p. 221), “As palavras aspeadas são palavras assinaladas como "deslocadas", "fora de seu lugar", pertencendo e adequando-se a um outro discurso.” A presença das aspas no *slogan* da campanha presidencial de Bolsonaro, evidencia que o discurso não pertence ao articulista, mais a outro, neste caso, Bolsonaro e sua equipe de governo.

Sendo assim, estabelecidas fronteiras nítidas entre o discurso do articulista e o discurso que está sendo citado, por meio das aspas, o articulista, ao citar o *slogan* se opõe a ele, de modo a desprestigiá-lo, por meio de argumentos que refutam tal ideia. A ideia da religiosidade, de que o governo realiza ações cristãs. Trata-se de uma inserção linear, de um discurso citado, como destaca Bakhtin/Volochínov (2014, p. 156) em que as fronteiras entre os discursos são perceptíveis, como é o caso do uso do *slogan* de Bolsonaro.

O Autor dialoga diretamente com o seu possível leitor, prevendo a réplica antecipada. Isso é recorrente no texto, configurando-se como uma estratégia argumentativa do articulista, que procura envolver o leitor na sua argumentação. Ele tem não só o objetivo de apenas expor uma valoração apreciativa, um ponto de vista, mas de convencer. Vejamos que ele diz: “Quem não lembra da frase da ministra Damares no dia da posse [...]”. Aqui o leitor é instigado a ativar o já-dito, acompanhando a linha de raciocínio do autor e alinhando-se ao seu ponto de vista. Esse é o efeito de sentido pretendido pelo autor.

O articulista suscita uma atitude responsiva dos leitores, ao fazer alusão a outros discursos, os quais foram proferidos pela equipe de governo do presidente, entre eles, o discurso da ministra Damares. Sendo preciso que os leitores tenham conhecimentos sobre esses discursos, ou seja, conhecimentos extraverbais para fazer as relações dialógicas necessárias para a construção dos sentidos do artigo de opinião em questão. O articulista faz alusão a um dos discursos de caráter religioso, proferidos por integrantes do governo de Bolsonaro, que neste caso, corresponde à ministra Damares.

O articulista fala sobre Damares, a então ministra da Mulher, família e Direitos Humanos. Apresentando de forma direta, por meio de um discurso citado, o discurso utilizado por ela em sua posse: “Somos um estado laico, mas esta ministra aqui é terrivelmente cristã”. Podemos observar que o autor chama o leitor, pressupondo que ele já conhece o discurso citado, a partir disso, cria uma argumentação de oposição a esse

discurso, por meio de uma relação dialógica de confronto, de discordância, para com a fala da ministra.

Podemos encontrar várias vozes que se cruzam na construção dos sentidos, dentre eles, temos a voz do articulista, de um possível leitor, da mídia, da ministra, e outras. No momento em que a ministra diz: “Somos”, no plural, ela está inserindo o discurso do outro no seu, de modo que tal discurso é utilizado a fim de compor o seu, quando ela poderia dizer: “eu enquanto ministra”. Assim podemos observar que tanto o discurso citante, quanto o discurso citado falam no texto, fazendo soar diferentes vozes.

Na fala da ministra também há uma relação dialógica de distanciamento, para com a Constituição Federal de 1988, ao tratar sobre a laicidade. Em que a Constituição prevê que o governo não esteja ligado a aspectos da religião, ou seja, a religião não deve influenciar no governo e em suas decisões, assumindo uma posição de neutralidade, não sendo a favor de religião “X” ou “Y”.

Quadro 1. Artigo de opinião do jornal GGN

A ministra Damares não percebeu que sua frase foi um ato falho, onde a expressão “terrivelmente cristã” desnuda a personalidade de um grupo de pessoas contraditórias que coloca um grande abismo entre o discurso e a prática cristã.
--

Fonte: Disponível em: <https://jornalggn.com.br/opiniaio/para-bolsonaro-o-brasil-esta-acima-de-deus/>. Acesso em: 05 set. 2019.

De início, é perceptível a presença de uma glosa – comentário –, que possui um valor negativo, que descaracteriza o discurso da ministra, “sua frase foi um ato falho”. Retomando a concepção de que a fala da ministra foi algo negativo, falho, para ela mesma, o articulista não está apenas expressando uma valorização sobre o discurso da ministra, mas também procurando convencer o leitor, buscando redefinir, a contra palavra do outro. Bakhtin (2016 [1979]) diz que o locutor opõe a sua palavra a uma contra palavra. O articulista polemiza não apenas com a voz de Damares, mas com um discurso político-midiático, trazendo o discurso religioso como contra palavra ao discurso citado, à voz de Damares.

O adjetivo terrivelmente, numa relação de oposição à cristã, argumenta contra o sentido de religiosidade do dito, percebemos nesse emprego uma relação de distanciamento, como pode ser terrivelmente religioso. Se pensarmos no valor dicionarizado da palavra “terrivelmente”, encontraremos uma grande semelhança com o valor atualizado nesse contexto de uso. A ministra dá ênfase não à religiosidade, mas às

atitudes que pode tomar enquanto ministra, caso suas crenças, suas ideologias políticas não sejam respeitadas, ou melhor, obedecidas.

O articulista busca mostrar que isso ocorre no governo de Bolsonaro, uma vez que, eles expressam inúmeros discursos de caráter religioso, mas que não condizem com as ações e medidas realizadas pelo governo. Desse modo, a fala da ministra foi falha, pois ela falou contra o próprio governo, o qual realiza discursos pregando um sentido religioso, todavia suas atitudes são anticristãs. O articulista segue com sua argumentação, conforme mostra o quadro seguinte. Como se pode observar a seguir:

Quadro 2. Artigo de opinião do jornal GGN

<p>Entre as duas palavras – terrivelmente e cristã – a que tem servido de exemplo para as ações do governo é a palavra terrivelmente. Se o leitor acompanhar meu raciocínio irá concordar com este humilde colaborador. A última decisão tomada pelo governo de Bolsonaro foi “terrivelmente anticristã”, pois revogou a adesão pacto global de imigração, acompanhando os EUA e Hungria cujas lideranças também são terríveis. Uma atitude completamente contrária aos ensinamentos do cristianismo, inclusive, é algo criminalizado no velho testamento onde prevalecia a lei de Talião (“Dente por dente olho por olho”).</p>
--

Fonte: Disponível em: <https://jornalgnn.com.br/opiniaio/para-bolsonaro-o-brasil-esta-acima-de-deus/>. Acesso em: 05 set. 2019.

Novamente o articulista chama o leitor a participar de sua construção argumentativa, dizendo: “Se o leitor acompanhar meu raciocínio irá concordar com este humilde colaborador”. Percebemos, desse modo, a preocupação do autor com o destinatário, com a adesão do outro ao seu ponto de vista. O articulista ao expressar a fala da ministra, dando ênfase à palavra terrivelmente e cristã, deixa claro que a palavra “terrivelmente” mantém uma relação de diálogo com o governo de Bolsonaro. Uma vez que, a ação realizada por ele, de não aderir ao pacto global de imigração, corresponde a um ato terrível, no sentido de que amedronta, causa terror em muitas pessoas, principalmente nas que são afetadas diretamente por suas decisões, a classe mais pobre. Não condizendo, portanto, com a palavra “cristã”.

O articulista utiliza o discurso da ministra atribuindo a ele uma nova valoração, por meio da relação dialógica de distanciamento, em que ele refuta, nega tal discurso. Isso acontece quando ele diz “terrivelmente anticristã”, em que os sentidos empregados a esse discurso são diferentes em relação ao proferido pela ministra. Aqui temos um movimento de distanciamento que segundo Rodrigues (2011) pode acontecer por meio de adjetivos que desqualificam o discurso contraditado. Pois, há a substituição da palavra “cristã” por “anticristã”, ou seja, são atribuídas novas valorações, neste caso, uma valoração, uma axiologia negativa. Ao passo que o discurso da ministra é retomado

e utilizado de forma distanciada. Temos também nesse uso, o que Bakhtin (2016[1979]) chama de contra palavra.

Desse modo, as aspas utilizadas na expressão “terrivelmente anticristã”, denotam uma valoração, uma ênfase do articulista diante da fala da ministra. Segundo Authier-Revuz (2004):

O comentário local - e implícito -, que o distanciamento pontual das aspas requer, supõe que, de modo global, uma atitude metalinguística de desdobramento do locutor ocorre em uma fala acompanhada, duplicada, por *um comentário crítico*, no próprio curso de sua produção. Essa atitude manifesta uma aptidão: ela coloca o locutor em posição de juiz e dono das palavras, capaz de recuar, de emitir um julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 219).

O locutor ao distanciar-se do discurso da ministra, atribui a ele novas valorações, ele torna-se, como destaca Authier-Revuz (2014), um juiz, atribuindo ao discurso posicionamentos axiológicos. Neste caso, o articulista ao utilizar o discurso “terrivelmente anticristã”, da ministra, atribui a ele um valor negativo, de oposição, refutação, ao que foi dito pela ministra.

Ao tratar sobre o rompimento do pacto global de imigração, o articulista mostra que isso é totalmente anticristão, por contrariar as ideologias pregadas pelo cristianismo. Defendendo o ponto de vista de que o governo de Bolsonaro é “terrivelmente anticristão” e que seus discursos religiosos não condizem com suas ações. Observemos que se valendo da valoração negativa atribuída ao adjetivo terrível, o articulista, classifica outros países que romperam com o pacto global de imigração como sendo igualmente terríveis. Isso aponta para o distanciamento que o autor mantém em relação à voz desses outros líderes que na fala do articulista também não possuem postura cristã.

No trecho: “inclusive, é algo criminalizado no velho testamento onde prevalecia a lei de Talião”, há um comentário relacionando ao que era pregado no velho testamento e à fala contraditada no artigo a partir de uma relação dialógica de refutação e distanciamento. A alusão ao Velho Testamento, em que o autor cita entre aspas, a lei de Talião, a qual pregava que o mal que fosse praticado a alguém, deveria voltar da mesma forma para quem o praticou como forma de punição, funciona como argumento em defesa ao ponto de vista do articulista.

Ele recorre a um discurso conhecido socialmente, a um dito popular de origem religiosa para argumentar contra o discurso supostamente cristão do governo, a partir do qual tenta justificar muitas de suas atitudes que, conforme o articulista, não se alinham aos ensinamentos do cristianismo. Ele usa essa retomada como contra argumento à voz do governo de Bolsonaro.

Diante disso, percebemos que há um confronto entre muitas vozes, as quais estão presentes nesse discurso, a voz do dito popular, a qual é retirada do contexto religioso e trazida para o contexto político-jornalístico, assim como também há a voz de Damares, de Bolsonaro e a do articulista, que utiliza o dito popular para contestar o ponto de vista defendido pelo governo, de não aceitação de imigrantes em terras brasileira. Vale ressaltar que a voz do articulista, também é constituída pela voz do Jornal GGN, uma voz institucional, que defende determinado posicionamento político. Os jornalistas, articulistas, e até mesmo comentaristas, que são leitores desse espaço jornalístico, acabam tendo sua voz guiada por esse posicionamento político do jornal.

O discurso do articulista mantém relação dialógica de aproximação com a voz do espaço jornalístico, no qual o artigo está inserido (GGN), corre outra voz que se faz presente no texto, visto que o jornal expõe uma ideologia, um posicionamento político-ideológico, que neste caso, consiste em uma posição de esquerda. Sendo assim, a voz do jornal GGN, é uma voz carregada de valorações condizentes com a esquerda política. Esse posicionamento político é determinante do que é dito nesse espaço.

No quadro quatro, Albertino Ribeiro continua argumentando a favor de seu ponto de vista, fazendo uso recorrente do discurso citado:

Quadro 3. Artigo de opinião do jornal GGN

<p>Não obstante aos ensinamentos bíblicos, o mesmo governo que levanta a bandeira da cristandade, dizendo colocar Deus acima de todos, peca colocando o nacionalismo acima de Deus. Recentemente o papa Francisco, em um encontro com diplomatas, alertou sobre o ressurgimento do nacionalismo e fez um apelo para que os países cumpram o acordo de imigração para ajudar os refugiados que hoje são, segundo a ONU, 21,3 milhões de pessoas. É mais de três vezes a população da cidade do Rio de Janeiro, onde Bolsonaro morava a até pouco tempo.</p>
--

Fonte: Disponível em: <https://jornalggm.com.br/opiniaio/para-bolsonaro-o-brasil-esta-acima-de-deus/>. Acesso em: 05 set. 2019.

Nesse parágrafo do artigo, o autor começa falando de uma oposição de discursos, do confronto entre o que prega os ensinamentos bíblicos e o discurso nacionalista de Bolsonaro, que diz colocar Deus acima de todos. Nesse confronto, há a presença da heterogeneidade mostrada marcada, destacando que há a fala do outro, de

forma indireta, ou seja, pelo discurso indireto, por meio do emprego do verbo dicendi “dizendo”. Assim, como também há um outro verbo dicendi “alertou”. Esse verbo traz uma voz que se constitui enquanto argumento de autoridade, a fala de um dos maiores líderes religiosos dentro do cristianismo: o papa. Sobre o discurso indireto Authier-Revuz (2004, p.112) diz que: “[...] No discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do "sentido" dos propósitos que ele relata [...]”.

Ao fazer uso do discurso indireto, o locutor como apresentado pela autora, traduz o discurso do outro, ele retoma ao discurso alheio. No entanto, faz isso por meio de suas próprias palavras, de modo que seja possível relatar o sentido do discurso que está sendo retomado. Assim, o locutor, como destaca Authier- Revuz (2004) assume o papel de tradutor, buscando traduzir dessa forma, aquilo que o outro disse, em termos de sentidos.

O articulista retoma o discurso proferido pelo Papa Francisco, em um encontro que ele teve com diplomatas, no qual chamou atenção para o reaparecimento no nacionalismo⁵. O nacionalismo corresponde a uma ideologia, na qual há a exaltação de uma nação, da pátria. Como apresenta o articulista por meio dos argumentos utilizados, evidenciando que há essa exaltação da pátria, como algo superior até mesmo a Deus, como já analisado anteriormente no *slogan* de campanha do presidente Bolsonaro.

Desse modo, o autor dá ênfase à ideia de que essa atitude de não aceitar o pacto global de imigração, mostra que o governo de Bolsonaro que se diz cristão, é contraditório as práticas religiosas. Ao utilizar a seguinte colocação: “alertou sobre o ressurgimento do nacionalismo e fez um apelo para que os países cumpram o acordo de imigração para ajudar os refugiados que hoje são, segundo a ONU, 21,3 milhões de pessoas”. O articulista utiliza esse argumento para reafirmar o posicionamento defendido até aqui, de que o governo em questão, é anticristão. Mais adiante o articulista continua:

Quadro 4. Artigo de opinião do jornal GGN

Aturdido com a decisão desse governo “terrivelmente cristão”, resolvi pesquisar alguns textos bíblicos que tratam do assunto e verifiquei a inequívoca e unânime visão favorável ao acolhimento dos estrangeiros.

Fonte: Disponível em: <https://jornalggm.com.br/opiniaio/para-bolsonaro-o-brasil-esta-acima-de-deus/>. Acesso em: 05 set. 2019.

⁵ Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/100-anos-apos-1-guerra-nacionalismo-mostra-nova-roupagem,362d50927f812b9b814a374779e8d4e2q1mxzhls.html>. Acesso em: 16 de nov. de 2019.

Logo de início, o articulista cita o discurso da ministra Damares: “terrivelmente cristão”, atribuindo a ele o tom de ironia, o que é muito comum quando se utiliza o discurso do outro por meio da relação dialógica de distanciamento, em que é atribuído a ele outro sentido. O locutor busca desprestigiar o que é defendido, apresentado pelo discurso que está sendo citado, tentando assim, manter uma distância em relação a ele, como destaca Rodrigues (2001, p. 176). Com isso, são atribuídas a esse discurso, uma nova valoração, no caso do discurso da ministra Damares, uma valoração depreciativa. Temos na ironia a presença da bivocalidade, sobre a qual Bakhtin (1997[1929], p. 195) diz que: “As palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação [...]”.

A bivocalidade presente no enunciado aponta, no mínimo, para duas vozes: a de Damares e a voz do articulista, que visa desqualificar a voz citada. Consiste em mostrar por meio da relação dialógica de distanciamento, de forma irônica, uma valoração depreciativa em relação ao discurso da ministra, refletindo o contrário de “terrivelmente cristão”, que neste caso é “terrivelmente anticristão”.

Com o intuito de mostrar tal concepção defendida, o articulista realiza uma pesquisa, mantendo uma relação dialógica de aproximação com o discurso bíblico, uma vez que ele cita mais adiante, no artigo, três passagens bíblicas, mostrando por meio disso, o que defende como uma atitude cristã, visto que, os ensinamentos bíblicos pregam o ato de amor ao próximo.

Quadro 5. Artigo de opinião do jornal GGN

“E quando o estrangeiro peregrinar convosco na vossa terra, não o oprimireis. Como um natural entre vós será o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-ás como a ti mesmo, pois estrangeiros fostes na terra do Egito. Eu sou o Senhor vosso Deus.” – Lv 19.33-34.

“Que faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa. Por isso amareis o estrangeiro, pois fostes estrangeiros na terra do Egito.” – Deuteronômio 10.18-19.

Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram”. Mt 25.35-36.

Fonte: Disponível em: <https://jornalggn.com.br/opiniaio/para-bolsonaro-o-brasil-esta-acima-de-deus/>. Acesso em: 05 set. 2019.

Retomando esses discursos bíblicos, o articulista argumenta: “verifiquei a inequívoca e unânime visão favorável ao acolhimento dos estrangeiros.” Ele assume seu lugar de fala, ao fazer o uso da primeira pessoa do singular. Porém, essa posição

assumida pelo articulista, é fortemente marcada pela voz do jornal, sendo possível observar que a autoria é de natureza coletiva, como destaca Faraco (2008). Esse “eu” é um sujeito dialógico, formado pelo discurso do outro (s).

É importante dizer que as escolhas dos textos bíblicos utilizados, não ocorreram de forma desinteressada, pois como destaca Bakhtin (1997[1929]), o sujeito é sempre um ideólogo. Esses discursos são utilizados tendo em vista, defender os argumentos utilizados pelo articulista, em relação ao governo de Bolsonaro. Ressaltamos também que, a inserção do discurso do outro enquanto procedimento argumentativo corresponde a uma marca estilística do gênero artigo de opinião. Em que o articulista retoma a outros discursos, para formar o seu, e defender o ponto de vista pretendido.

Considerações finais

A pesquisa nos permitiu perceber que o gênero artigo de opinião vai muito além de expressar uma posição valorativa sobre determinados acontecimentos sociais. O artigo analisado mostra muitas estratégias argumentativas. O articulista não apenas expressa seu ponto de vista, mas principalmente argumenta, procura convencer o leitor. Dentre as estratégias utilizadas, destacamos o diálogo que ele procura manter com o leitor por meio de expressões que indicam chamamento e a inserção do discurso outro. Ele visa à construção de determinados sentidos por meio da retomada ao já-dito pelo outro. Com isso, tais relações dialógicas encontram-se materializadas no texto por meio das retomadas, as quais são realizadas ao discurso alheio de forma aproximada e distanciada. As relações dialógicas, concretizadas pelo discurso citado permitiram a construção da argumentação.

Observamos que a autoria do gênero artigo de opinião corresponde a uma autoria coletiva, em que o articulista sempre utiliza o discurso do outro. Desse modo, a autoria do artigo de opinião, não é algo individual, isolada, formada apenas pelo ponto de vista do articulista, mas por muitos discursos, com diferentes valorações, os quais circulam no meio social, e que são utilizados por ele para construir seu discurso. Essa retomada do discurso do outro, bem como a preocupação do articulista com a réplica antecipada do seu possível leitor fundamenta e constitui a autoria coletiva nesse gênero, pois, o articulista produz o texto a partir de diferentes vozes sociais.

Assim, por meio das análises do artigo de opinião, também foi possível observar que não há neutralidade no discurso, todas as escolhas linguísticas são realizadas com um objetivo. Assim como, as retomadas aos discursos alheios, em que o articulista busca por meio disso, defender seus argumentos, e os posicionamentos expressados, os quais são marcados por ideologias condizentes com o espaço jornalístico no qual o artigo foi publicado (GGN).

A análise possibilitou a observação de que o gênero artigo de opinião é fortemente marcado por relações dialógicas intertextuais e interdiscursivas organizadas em função de um projeto argumentativo. O articulista retoma o discurso do outro para formar o seu, e a partir disso, convencer o leitor de que seu ponto de vista é correto. Fazendo com que tal leitor compartilhe das ideologias de tal espaço no qual o artigo está sendo apresentado.

Referências

AUTHIER- REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Apresentação: Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad.: Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016[1979].

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad.: Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997[1929].

_____. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934-1936].

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÌNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Trad.: Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BRAIT, Beth (Org.). Estilo. In: *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 79-102.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 37-60.

KÖCHE, Vanilda; MARINELLO, Adiane. *Gêneros textuais: práticas de leitura escrita e análise linguística*. Petrópolis- RJ: Vozes, 2015.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad.: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

RAMONET, Ignacio. Meios de comunicação: um poder a serviço de interesses privados? In: MORAES, Dênis; RAMONET, Ignácio; SERRANO, Pascual. (Orgs). *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. Rio de Janeiro: Biotempo, 2013. p. 53-70.

_____. A explosão do jornalismo na era digital. In: MORAES, D; RAMONET, I; SERRANO, P. (Orgs). *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. Rio de Janeiro: Biotempo, 2013. p. 85-102.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. *A constituição e o fundamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SADER, Emir. *O anjo torto: Esquerda (e direita) no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SANTOS, Eliane Pereira dos. *Gênero comentário online: um enfoque axiológico-dialógico do estilo*. 2018. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SILVA, J. R; BARBOSA, M. S.O lugar da categoria discurso citado na abordagem dialógica da linguagem. *Revista Linguagem*. São Carlos, v. 25, nº 1. 2016.